

11-11-2020

UMA VISITA AO PARQUE

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás]

De comum acordo, todo final de mês, vou ao psiquiatra; adoro esperar, por horas, a consulta. Neste exato momento, chego, sento e espero um amigo. Quando ele chega, se anuncia com um tapinha no meu pescoço. Comemoro a ideia de ir ao psiquiatra com um amigo, o da vez é professor também, mas cursa medicina. Dou meu nome à secretária; ela pergunta se é convênio, digo que sim.

“Qual convênio?”, ela resmunga. Eu respondo. Ela abre um sorrisinho cínico e diz: “ah, pra esse não temos vagas”.

O sorriso estendido fala o preço; eu pago, mesmo achando caro. Só depois desse protocolo que ela anota meu nome.

A sala de espera é um ateliê de vida e arte, uma pulsão de cores. Não sei ao certo, mas quando chego à clínica, eu começo a agir ligeiramente diferente. Falo um pouco mais alto, cruzo mais as pernas, gesticulo mais com as mãos. Minha fala fragmenta-se em vários assuntos.

Contudo, ninguém me olha, não vejo um olhar de julgo dos meus colegas pacientes. A própria secretária olha para o infinito. Que liberdade é essa que sinto?

Não tenho uma definição plausível. Diante desse bailar perdido, questiono seriamente minha lucidez.

Amigo, leitor, peço que faça uma pausa. As próximas linhas podem incomodá-lo. Se você acredita na sua lucidez, no altruísmo e que seu comportamento é pura sanidade benevolente, é melhor parar por aqui. Mas se você já teve ciúmes do seu irmão e ódio dos seus pais; se você, numa manhã qualquer, olhou no espelho e ficou com dúvidas do seu reflexo; se surtou e quebrou objetos; agradeceu por não ter uma arma no trânsito, porque se tivesse mataria aquele motoqueiro. Pois bem, seja bem-vindo. Você é como eu: um louco. Eu tenho surtos diariamente e após a explosão, eu escrevo. Dos meus monstros, tiro a seiva da escrita.

O surto é um grito de basta, uma reação que rejeita a conformidade. Os dopados de calmantes não surtam, eles rastejam na corrida da produtividade.

A clínica, onde descanso minha seca bunda, tem no seu subsolo uma outra clínica psiquiátrica. Nos porões da psiquiatria paga, reside a loucura pública. Seriam aquelas paredes retangulares e com uma fina fronteira fumê um tipo de arquitetura freudiana? A medicina psiquiátrica esconde seus traumas nos porões do inconsciente.

Os doentes ficam escondidos no subterrâneo, os lúcidos carros passam e nem imaginam que, abaixo do sólido asfalto, existe a prisão do insólito.

Pois bem, o pronto socorro psiquiátrico Wassily Chuc foi criado após o fechamento do campo de concentração Hospício Adalto Botelho. Temos dificuldades de fazer análise dos assombros e escombros, esquecemos docilmente o choro com novas paredes.

Os sujeitos que surtam descem uma escadinha e logo desaparecem. Invisíveis para a política da lucidez, invisíveis para a medicina dos vencedores. A saúde mental pública, neste país, é o porão dos lucrativos dividendo farmacológicos. Nós, os doidos da classe média, olhamos com um ar de pena os doidos pobres. Sem a iminência da cura, a psiquiatria torna-se um campo de saber médico sem expectativas de alta. Claro, estamos medicados de terninhos executivos, salto escarpin, remédios, muitos remédios.

Toda doença nos torna frágeis, ela nos faz acreditar em padres, pastores e psiquiatras. Todos verbalizam a cura, mas ela nunca chegará. A cura não chegará porque não há doença. Foucault disse que a doença é invenção do médico. As doses de hóstias psicotrópicas só aumentam e viramos fanáticos crentes da medicina. Queremos calar o que nos torna tão humanos: a angústia. A angústia é a doença da consciência quando tomamos consciência que tudo é perecível. Por mais que levemos chicotadas com a cruz nas costas é um ledão engano achar que a ressurreição virá. Pagamos o dízimo, compramos remédios e acreditamos.

O intuito é calar todas as vozes que gritam silenciosamente aos nossos ouvidos. O meu amigo cutuca minha costela, um homem à nossa frente chora. Chora caladinho, as lágrimas descem as bochechas e salgam o paladar. O nosso estranho colega de espera acabara de receber a notícia que seu antigo psiquiatra havia falecido. Isso nos foi revelado com uma ligação feita à mãe. Um choro infantil. Parecia que eram próximos; talvez, amigos. Não! Isso ainda era pouco para mover aquelas lágrimas. A notícia era da morte do pai.

O psiquiatra é o pai dos loucos, é a segurança insular no mar da loucura. Quando solto essa frase, meu amigo rapidamente completa: “o psiquiatra é o pai dos loucos e filho da loucura”. A linguística prova nossa teoria, Philippe Pinel emprestou seu sobrenome para ser a marca sinônima dos ditos desajustados. Todo doido assina pinel. Uma anônima mulher aproxima, abraça o homem que chorava. Ela faz um gentil carinho no seu rosto, interrompe o curso das lágrimas com os dedos.

O anonimato permanece com a solidez do silêncio.

Em alguns instantes, o homem assoreou o choro.

Ela parte, em lágrimas. Sim, ela tira o choro do homem com as mãos e leva-o como se fosse um vento que muda o rumo da chuva. O moralismo regente nos deixou, eu e meu amigo, embasbacados. O ateliê da vida, o canteiro da sementeira do amor apresentou-se em um silêncio que fugia aos rigores da lucidez. Um abraço desconhecido ao desconhecido.

Meu nome é chamado pela secretária de olhar perdido.

O médico me espera. Entro, sento e olho. Dedo e língua marcam o passo da contagem de um grosso molho de notas. Ele pede para eu esperar; nesse ínterim, observo alguns quadros. Há uma péssima falsificação de Matisse, mas uma pintura original estava sobre a minha cabeça.

No desenrolar da consulta, pergunto sobre aquela pintura surrealista. Ele me disse que foi presente de um paciente esquizofrênico e completa “ele suicidou-se há um ano”.

continua

Aquele quadro estava sobre minha cabeça e perpendicular aos olhos do médico. Talvez, a imagem fosse um constante alerta: “não se engane, meu caro, todo mundo é um esquizofrênico em potencial”.

Ela agiria também como um reflexo e carregava a mensagem “você que me olha e medica também é louco”.

O médico vestia um alvo jaleco, mas um pouco amarrotado.

O psiquiatra é o louco que conseguiu desamarrar a camisa de força.

A consulta acaba, alguns remédios são receitados e até ganho amostra grátis. Desconfio que estou pior que imaginava.

Nunca tomo os medicamentos receitados, tenho medo. Um outro amigo sempre me diz: “o doente não quer se curar”.

Mas adoro ir ao psiquiatra todo final de mês, pareço uma criança empolgada que vai ao parque.

Concluo que sou uma criança que adora brincar com seus amiguinhos presentes e ausentes.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.